

REMINISCÊNCIAS . . .

PROF. OSCAR CAETANO DA SILVA
Catedrático de «Urbanismo Arquite-
tura Paisagista».

Recordar é viver, diz velho refrão. E, assim, entendemos relembrar, de quando em quando, os tempos idos da nossa velha e querida Escola.

Tempos de aperturas, de dificuldades grandes, mas tempos de bons exemplos, cheios de provas de dedicação, de amor à Escola, de sonhadores, fortificados sempre pela Esperança. . . São outros os tempos, hoje. Vejamos, desta vez, as palavras proferidas, há 14 anos, pelo prof. Oscar Caetano, da cadeira de "Urbanismo-Arquitetura Paisagista," quando da abertura dos cursos da Escola, no ano letivo de 1943.

Exmos. Srs. Representantes Oficiais
Caros colegas
Senhoras e senhores
Estimados alunos:

Mais um ano letivo da nossa vetusta e querida Escola tem início nesta sessão. Esta solenidade tem importante significado, pois que é a imagem viva da reação de um instituto de ensino contra a ruína, inevitável, desde que lhe falta auxílio suficiente para continuar sua ingente tarefa e poder assim atingir o seu grande ideal: difundir o ensino das Belas Artes, no seio de um povo reconhecidamente habil e artista como é o nosso.

Esta luta titânica vem se processando, sem esmorecimentos, sustentada por uma plêiade de dedicados servidores que, ministrando ensinamentos àqueles cujo pendôr natural ou decidido desejo de vencer, chama-os a este Templo da Arte, mantêm, desse modo, bem vivo, o fôgo sagrado deste mesmo

Templo, onde pontificaram Canizares, Lopes Rodrigues, José Allioni e outros Mestres Ilustres.

Data de 1877 a fundação da nossa Escola de Belas Artes. São, conseqüentemente, sessenta e seis anos, mais de 13 lustros, quase 3/4 de século de lutas.

Estamos no período mais delicado, qual o da confirmação do patrimônio exigido por lei, para que possamos ser beneficiados com o reconhecimento oficial, fator precípua da vida da Escola, no atual momento.

Não há, porém, desânimo. Unidos se acham, docentes e discentes, lutando pela sua Escola, com o mesmo ardor dos seres pensantes da humanidade, que, igualmente unidos, nestas horas tristes da sua história, pelejam em prol da liberdade, o maior bem da vida, contra os bárbaros, avassaladores e insensatos.

Na certeza, pois, das vitórias, reiniciemos nossa lida, fixando o espírito nas maravilhas da Ciência e nos esplendores da Arte.

É de lamentar apenas que coubesse a nós a honrosa tarefa de dizer a aula inaugural dos cursos da Escola de Belas Artes da Bahia no ano letivo de 1943. É que a confiança é cega. Do desluzo da solenidade, porém, a culpa sobre o autor da escolha, o mestre ilustre de tantas gerações, meu eminente amigo e insigne diretor da Escola, a quem, neste momento, saúdo: Prof. Américo Furtado de Simas.



Ensaieemos dizer algo, dentro no limitado ângulo percorrido pelo ponteiro do tempo inexorável, numa preleção normal, sobre o momentoso tema:

A HABITAÇÃO URBANA

A "celula primaria da cidade" tem merecido, nos últimos decênios, particular e cuidadoso estudo por parte de sociólogos e urbanistas, destes, mais minuciosamente, porque como bem afirma Karl Brunner: "A verdadeira celula da "Urbs" é

a vivenda de seus habitantes; as vivendas formam os blócos, os quarteirões e estes, por sua vez, os bairros que imprimem, pela sua própria superfície, um caráter definido à cidade. Portanto, um tratado completo de Urbanismo deve partir das considerações sôbre a vivenda, *suas características*, assim como seu *fomento*, sua *formação técnica* e seu *financiamento*".

Na atualidade, todos reconhecemos o quanto ha de complexo nos problemas que se apresentam com o estudo da habitação urbana, menos pelo lado da técnica construtiva, que pelo alcance social da questão.

De um modo estrito, a vivenda popular, a da classe mais numerosa, prende mais diretamente a atenção dos estudiosos e, nos países mais liberais, é reconhecido atualmente o estado pouco satisfatório dessas vivendas em geral, admitindo-se a necessidade, por parte dos poderes públicos, de se preocuparem com seu desenvolvimento. Isto é sentido até no país que se encontra na vanguarda do Urbanismo moderno, os Estados Unidos da América do Norte. É o que vemos na citação do livro de Watson: *Housing Problems and Possibilities in the U. S. A.*: "Por termo médio, os *standards* de vida da familia americana, tem tomado um enorme incremento nestes últimos 20 anos. Em matéria de vestidos, distrações, férias, movimento e em qualquer outro aspecto da vida, constituímos o povo mais rico; porém, no campo da habitação, nosso país ficou praticamente paralisado. O desenvolvimento nas comodidades da vivenda não se pode, quasi, comparar com o da indústria automobilística, a do rádio, ou de outro qualquer produto. Em uma palavra, constantemente se destina uma parcela mais reduzida em ingressos à parte fisica do lar". "Nenhum cidadão americano negará que são apropriadas e urgentemente necessárias para o bem estar do país, três exigências: 1) — a solução dos sem-trabalho; 2) — as melhoras no "Standard" de vida; 3) — a segurança do lar".

Ainda um escritor norte-americano (Herman Kobbe — "Housing and Regional Planning"), cuidando minuciosamente do assunto, aponta-nos um exemplo da complexidade do problema, com a descrição de: "O quadro que então vemos das habitações em New York é este: De 1.700.000 familias, ou

mais, vivendo na cidade, acima de 595.000 vivem em casas de standard inferior, enquanto muitas do milhão remanescente vivem em mocambos (slums) mais ou menos dourados, com ostentação externa luxuriante, porém, frequentemente, com apartamentos escuros, pagos a preços exorbitantes". "Risco de incêndio, presença de animais parasitas, falta de sol e ar, não são os unicos itens na acusação contra nossas habitações. A eles deve-se juntar o item do congestionamento de construções em certas áreas, enquanto, em outros lugares, se desperdiçam terrenos vagos. "A construção de massas compactas de "arranha-céus" quer para finalidade residencial, quer comercial, redundante, inevitavelmente, não só em cômodos escuros, como também em ruas e artérias de trânsito rápido super-atravancadas. "A abertura de novas linhas de trânsito rápido, por sua vês, dá oportunidade à especulação dos construtores na edificação de mais "arranha-céus", de modo que se estabelece um círculo vicioso, resultando num congestionamento, tão intenso como sério, a interferir no confôrto e saúde públicas".

Estes exemplos do país amigo são bastantes para se poder aquilatar o quanto há de complexidade na questão da habitação urbana, tal como ela deve ser — confortavel e higiênica.

Como vimos anteriormente, faz-se mister a fixação de suas características, função dos habitos do povo. Sendo problema geral o da vivenda popular que é a grande maioria, apresenta-se sob dois aspectos distintos: a) o de casas coletivas; b) o de casas individuais.

Ambas as soluções têm sido estudadas em todos os países.

A casa coletiva com habitações em varios pavimentos, seja para proletários, seja para a classe média (o Apartment Hause, a casa de apartamentos) adquire, dia a dia, maior importância nas grandes cidades, cujas populações necessitam de moradas nos setôres centrais. Nestas zonas, o alto valor do terreno e a grande porcentagem dos que desejam viver perto do centro cívico e comercial não permitem outro tipo de vivendas além da casa-coletiva; conservam-se, somente, determinados setores adjacentes à parte comercial das cidades, geralmente de extensão limitada, para residências individuais de alta categoria.

No dizer de Brunner, a habitação na casa coletiva diminui as despesas com a locomoção diária, inclusive a perda de tempo; simplifica, até certo ponto, os misteres domésticos, elimina a preocupação da conserva e em muitos casos facilita uma vida muito mais independente e retraída que na comunidade de uma urbanisação.

“Têm tanta importância tais vantagens que se paga muitas vezes por um apartamento de três cômodos o mesmo que para uma casa isolada de 5 peças. Em consequência do alto valor do terreno, da construção mais sólida, de vários pavimentos, de um “Apartment House”, e de instalações custosas exigidas (segurança contra incendios, ascensores, exaustores, etc.), o custo por peça neste tipo de vivenda vale geralmente 25 a 30% mais de que no “chalet” ou “bungalow”.

A simplificação dos afazeres domésticos neste sistema de vivenda deve-se à máxima mecanização de seus serviços.

Comparando-se este sistema com o de vivendas individuais ou isoladas, apresenta-se logo a interrogativa: — Que se torna mais econômico, a edificação da vivenda em casa coletiva de vários pavimentos, ou o sistema de casas independentes, de um ou dois pisos?

Tal pergunta não pode ser respondida de um modo definitivo, si não se leva em conta o preço do terreno e suas instalações correspondentes, tais como pavimentações, canalizações e meios de locomoção. Repetidas vezes se alega que a casa isolada, individual, para trabalhadores, fica demasiadamente custosa em comparação com as vivendas em edificios coletivas. Porém se deve ter na mente que tal encarecimento se origina, muitas vezes, de falsas disposições de caráter urbanístico. Por exemplo, é erro a localização de tais vivendas em arterias custosas, amplas e solidamente pavimentadas como aquelas onde se erigem as edificações dos abastados. Só em casos muito especiais necessitam elas um acesso direto para veículos e permitam um tipo de rua muito diferente e muito mais econômico.

Mistér é se evidenciar, no estudo dos dois tipos, que no caso da vivenda coletiva tanto o seu tipo mecanizado como os estabelecimentos suplementares pressupõem moradores civilizados e educados na vida coletiva regulamentada, tornando-se,

também, necessário, que nesses grupos de vivenda, a administração seja adequada, eficiente e imparcial.

As tradições regionais influem na seleção dos tipos de vivendas populares.

Brumer cita por exemplo Londres onde, apesar do grande desenvolvimento e conseqüentemente sua enorme população, foi conservado o tipo de casa isolada e independente em um pequeno lote, como forma usual de habitação. Neste caso fomentou-se a tendência tradicional pelo desenvolvimento de comunicações rápidas ("metros", "subways"), geralmente com uma densa rede e bem distribuída por toda a cidade e subúrbios.

Cita ainda um exemplo oposto: a cidade de Copenhague onde predomina o apartamento, na casa coletiva; em 1921 só 2,6% da população vivia em casas isoladas e esta percentagem, em 1931 subiu, somente a 4,6%. Por costume e tradição, os apartamentos, na casa coletiva dinamarquesa gozam de muitas comodidades em suas instalações. Basta se saber em 1932, 88% dos apartamentos possuíam aquecimento central. De 1916 a 1934, foram construídas, pela autoridade pública, 43.200 habitações em casas coletivas, de 3 e 4 pavimentos.

Há alguns anos, notava-se nos Estados Unidos, uma preferência marcante pela casa residencial isolada e rodeada de jardins; hoje, porém, em certos lugares, é preferido o edifício com apartamentos de aluguel, tendo menos aceitação o tipo econômico, estandardizado, da casa própria de edificação contínua (row house). Contudo, em certas cidades como Baltimore e Philadelphia há grande número de casas próprias, residenciais, de edificação contínua. Atribui-se ao preço alto dos terrenos a impossibilidade dos interessados adquirirem lotes de área suficientemente ampla para edificar isoladamente. Na região de New York, soluções favoráveis de grupos de casas se encontram nas urbanizações "Lawrence Farms" e "Forest Hills".

Do censo que se efetua nos Estados Unidos sobre o arrendamento de habitações e o valor de casas próprias, verifica-se

que a vivenda típica, naquele país, é a casa independente, de uma só família, com uma média de 19 anos de existência e cinco cômodos.

Ainda no confronto, estudando-se o custo dos tipos, vale notado o resultado a que chegou a municipalidade de Birmingham (Inglaterra). A comissão encarregada estudou os diversos sistemas empregados nas metrópoles continentais da Europa, especialmente na Holanda, na Alemanha e em Viena (Austria) e elaborou cálculos detalhados sobre os seguintes tipos de vivendas: 1) — apartamentos, a razão de 47 habitações por acre (cerca de 116 por hectare); 2) — habitações superpostas (Cottages — 2 pisos), 30 por acre (74 p/ha); 3) — pequenas casas independentes, a razão de 24 por acre (59 por ha).

O calculo do custo de um grupo de 386 vivendas, projetadas no mesmo terreno, segundo os três tipos descritos levou ao seguinte resultado:

	Construção	Urbanismo	Terreno	Total
Apartamentos com 3 dorm.	456	34	78	568
" 1 "	316	24	55	395
Cottages:				
c/ 3 dormit.	293	13	132	438
c/ 1 "	215	10	98	323
Casas independ.	282	16	155	453
c/ 3 dormit.				
c/ 1 "	267	15	143	425

Deduz a Municipalidade de BIRMINGHAM nos seus cálculos que o maior custo de construção de apartamentos em casas coletivas, compensa exatamente a economia no terreno necessário por habitação. O resultado porém dos cálculos favorece o tipo de casa de 2 pavimentos, com uma ou duas habitações em cada (flatted Cottages); e é exatamente este o tipo mais numeroso dentro do programa executado naquela cidade.

Entre nós, no nosso vasto e amado Brasil, o problema da habitação urbana, com especialidade, a da classe mais numerosa,

a proletária, toma variadíssimos aspectos, desde os de ordem geral interessando os 8 e 1/2 milhões de quilômetros quadrados do nosso território, até os de maior minúcia, interessando, exclusivamente, determinados pontos de caráter regional.

O primeiro movimento sério, neste sentido, (ao que nos conste) partiu do progressista Estado de São Paulo, onde um grupo de técnicos de boa vontade, pertencentes ao Instituto de Engenharia, organizou o 1º Congresso de Habitação, realizado no Brasil.

Várias teses foram discutidas e aprovadas, relativas umas às construções propriamente ditas, outras ao fomento e financiamento das vivendas.

Sendo, como vimos, a escolha dos tipos de vivendas, subordinadas à variadas condições, predominando o estudo de educação das populações a serem beneficiadas, é fora de dúvida que, não obstante os conceitos do original Le Corbusier, se deve ainda adotar entre nós o tipo "vivenda individual", mesmo que seja do sistema de edificação contínua (row house), convenientemente adaptado ao ambiente urbanístico, si já existente, ou então projetado em conjunto.

O problema da nossa habitação urbana (referindo-nos à habitação popular) é complexismo, e já tem sido olhado com dedicação pelas Caixas de Previdência, interessando-se em muitos Estados os poderes públicos, como se verifica em Pernambuco, onde uma campanha tenaz iniciada pelo Governo se faz em prol da casa popular, da vivenda proletária, substituindo-se os mocambos dos alagados do Recife por construções econômicas, porém obedecendo às exigências da higiotecnica.

Muitos ensinamentos nos legou igualmente, o 1º Congresso Pan-Americano da vivenda popular, realizado em Buenos Aires.

Movimentam-se, em harmonia de vista, arquitetos, engenheiros, higienistas e sociólogos.

O resultado virá, embora demore, mas virá, seguro, para melhorar as condições das classes menos favorecidas, concorrendo destarte, poderosamente, para tornar o nosso Brasil cada vez melhor, cada vez mais forte, cada vez mais brasileiro!

Assim o dissemos e concluimos.